HECATOMBE

Você falou de uma hecatombe espiritual O sacrifício de cem bois Oferecidos ao oráculo O deus da verdade Poesia e música Você falou de uma canção A cruzada dos jovens Morte e montanha Ligadas em espiral Agora nós os inúteis Videntes não identificados Virando a mesa Entrando no jogo Falamos sobre isso Infiltração Canonização Celebração apocalíptica Nós cuspimos sementes esfregamos as mãos Polvilhamos farinha de cevada rezamos Diante do altar do seu tomo O mundo que é todos os mundos E a lira quebrada de Apolo E a serra curva do matadouro Nós falamos do círculo de ferro Uma sagrada hecatombe em seu nome Mas não sacrificada ao mesmo tempo Metodicamente em intervalos de três minutos Ao final cem fogos de artifício Disparados devagar um tiro por vez Assim os espectadores assombrados Permanecem boquiabertos pelo tempo que durar No caso dos bois 3x100 Um ritual de trezentos minutos Poema de morte perpétua Superando os gregos No recanto da Musa Esses bois são como pássaros Efêmeros mal ensaiados Pernas compridas cinza como elefantes Com gestos tristes espasmódicos Cada boi um poema que solta uma águia Vestida com saia multicolorida Cobrindo o rosto Envolta pelas asas De uma gargalhada Esses bois são bezerros Brincando na poeira Provocando o lenhador Cujo machado estava vivo Suas lágrimas evaporam Como o suor nas costas Na nuca de um trabalhador Ao sul da fronteira Onde não há fronteiras Onde bardos e assassinos Raspam solas criptografadas De sapatos incriminados E corações em migalhas Escrevem sobre sua St. Teresa A cidade na forma de um vestido Perfurado no peito Pingando sangue Um retábulo da lavanderia sagrada Membros brancos pés brancos Pulando fogueiras indiscretas Pele pálida coxa enfaixada Estremecendo sobre o cuspe Sob a lâmpada da lua Ao som de um berrante Nós somos escravos renascidos O mugido dos bois Enfileirados tal qual um desfile Sentido à garganta de um gigante Nós somos sua cabeça orgulhosa Estourando como bolha Em uma seringa dourada Nós somos bois do sol Lançando camisas em chamas Em direção ao perigo O abrigo do poeta é a pele Com bolsos de abismo Alinhados em verso iâmbico Sua faca é um brinquedo Desafiando a força do universo Deixando sua marca na curvatura do céu A trilogia dos números Amarrando um crânio com arame O poeta expande seu torso ossudo Mergulha na lagoa vital Desfazendo para sempre Cem coroas de louro E seu corpo corajoso Cria uma travessia Rompe através do centro Dança sobre a água Uma dança lenta Chacoalhando a terra Com seu êxtase em fúria

